



Sobre as paisagens de um contador de histórias que se torna um narrador de geografias

Autor: Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos¹

O importante nas viagens, já se sabe, é observar bem
o que se come em cada canto, aprender as habilidades
[corporais

e também as ficções centrais de cada país.
(A verdade é algo a que se tem acesso por via das
[tecnologias,

já as ficções não.
Para conheceres as melhores mentiras de um país
ou de um homem
terás que te sentar longamente ao pé dele.
Ninguém mente aos gritos, de longe.)
(TAVARES, p.243)

Resumo:

O presente trabalho traz parte do processo de pesquisa de doutoramento do autor sobre as experiências espaciais a partir da narração de histórias. Numa investigação que tem como princípio a prática artística como pesquisa, o autor irá expor algumas das bases conceituais que o orientam e por quais caminhos o levaram para pensar e entrelaçar o fazer geográfico com o fazer artístico. Assim estabelece o que ele propõe como uma geografia das histórias contadas, propondo uma analogia ao contador de histórias como um contador de geografias, tornando a pesquisa e sua feitura uma possibilidade de narração. O deslocamento das perspectivas hegemônicas geográficas para a escala do corpo e assumindo o compromisso da pluralidade e diversidade dos muitos corpos coexistentes, são alguns dos pressupostos para a escuta, diálogo e narração dessas geografias de ciclo entregadores, em que estes se tornam, cada um na sua singularidade, uma geografia.

Palavras-chave: Geoartes, Narração de histórias, Ciclo-entrega, Corpo

Abstrait:

Le présent travail apporte une partie du processus de recherche doctorale de l'auteur sur les expériences spatiales de la narration. Dans une enquête qui a pour principe la pratique artistique comme recherche, l'auteur exposera certaines des bases conceptuelles qui guident et l'amènent à penser et à entrelacer la création géographique avec la création artistique. Ainsi établit ce qu'il propose comme géographie des histoires racontées, proposant une analogie au conteur en tant que conteur de géographie, faisant de la recherche et de sa possibilité de narration. Le déplacement des perspectives géographiques hégémoniques à l'échelle du corps et l'engagement de la pluralité et de la diversité des nombreux corps coexistants, sont quelques-uns des présupposés pour l'écoute, le dialogue et la narration de ces géographies du cycle de livraison, dans lesquelles ils deviennent, chacun dans sa singularité, une géographie.

Mots-clés: Geoart, Conteurs d'histoires, cycle-livraison, Corps

¹Doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná. UFPR, cecinelli@hotmail.com



Quando a imagem de um(a) contador(a) de histórias é evocada no nosso imaginário, de um modo geral imaginamos alguém que com suas palavras e gestos traz para sua audiência uma narrativa, uma história, um relato ou um mito. Essa pessoa, com essa habilidade desperta o ato de imaginar, acionando com os inúmeros símbolos incutidos no desenrolar da história, memórias, lembranças, emoções, reminiscências de tempos outros de outras gerações (CAMPOS; TORRES, 2020). Essa pessoa contadora atualiza no tempo presente (MACHADO, 2004), no aqui agora, algo que pode ter ocorrido de fato com alguém, com uma comunidade, um país, mas como também pode acionar situações que nunca aconteceram na materialidade dos fatos, mas fazem parte de imaginários coletivos, tais como nas histórias de inúmeras tradições orais que vão se recriando ao longo dos tempos, de geração em geração, agregando novos sentidos a cada tempo e espaço.

Mas quando pensamos nessa pessoa contadora de histórias na atualidade, nos contextos urbanos, deslocada desses espaços idílicos ou bucólicos que costumamos associá-las, tais como, o campo, as zonas rurais, dentro de uma comunidade indígena, debaixo da árvore da praça do interior; ao serem incorporadas ao meio da cidade surgem questões sobre os muitos papéis que essa pessoa pode ter com sua performatividade no cotidiano ou mesmo em contextos artísticos (TIERNO, 2017).

Partir dessa complexidade, tendo-a como ponto de partida para pensar as implicações em que a narração de histórias, enquanto uma performatividade cotidiana, ou mesmo para se pensar como uma prática do cotidiano (CERTEAU, 2011) traz na reinvenção, criação e produção dos espaços. O quanto a atuação dessas pessoas contadoras de histórias, em suas atuações, nas suas performances traz para aquelas pessoas que ali também, habitantes das cidades, criam espacialidades imbuídas de tudo que escutaram e seguem escutando. Neste sentido o trabalho vai explorar a ideia de uma *geografia das histórias contadas* (CAMPOS; TORRES, 2020), ou mesmo na complexidade que surgem das muitas geografias das histórias contadas, fazendo uma analogia trazida para o contador(a) de histórias como um contador de geografias para assim poder unir em sua performatividade o fazer geográfico.



É importante ressaltar que aqui se faz um recorte para que este contador de histórias do qual discutimos, está relacionado a essa presença desta pessoa narradora em contextos urbanos (TIERNO) e em situações de atuação profissional, bem presentes nos muitos movimentos de “retomada” e renovação surgidos nos anos 1960 na Europa e Américas (PATRINI, 2005). Contar histórias extrapola as experiências trazidas da performatividade do cotidiano, ganham outros contornos e se conectam com algumas das possibilidades apresentadas a essa figura or Walter Benjamin (2016) em se célebre texto “O Narrador”. Quando escreve o seu texto o autor, antes da II Guerra Mundial, diante do crescimento dos movimentos ultranacionalistas na Europa, principalmente o Nazismo e o Fascismo, traz um tom romântico a essa figura do contador de histórias, e o quanto os horrores das primeiras décadas do século XX desmoronam o sentido do compartilhamento da experiência inerente à narração de histórias.

Para Benjamin tamanho terror dos destroços da guerra, das mortes em massa e falecimento dos ideais, que pouco ou quase nada sobra para partilha. O horror silencia e emudece. Mas Benjamin falece pouco antes da segunda guerra mundial, se suicida na fronteira da França com a Espanha quando escapava a pé da Alemanha com um grupo de pessoas a pé. Quando parado pela polícia espanhola, e com o passaporte retido, ao longo de uma noite esperou até o dia seguinte para saber se iriam ou não atravessar a fronteira. O medo extremo de cair nas mãos dos nazistas o levou a se suicidar. Benjamin não sobreviveu a segunda guerra para ver os movimentos que foram surgindo pelas cidades européias e das américas a partir dos 1960 (PATRINI, 2005), que retomam a ideia de uma pessoa, um artista, um contador de histórias, que traz no seu ofício um repertório de experiências da humanidade em formato de histórias, narrativas, contos, crônicas, canções, etc. Vocalizando a palavra essas pessoas atuam em escolas, teatros, centros de cultura, hospitais, praças, bibliotecas, para os mais diversos públicos, em grupos, duplas, sozinhos, com ou sem recursos cênicos, com ou sem instrumentos musicais. Estes mesmos movimentos de retomada e renovação favoreceram o fortalecimento de festivais, encontros e simpósios de contadores de histórias, projetos sócio-culturais em associações de moradores, bibliotecas comunitárias, hospitais, etc. Podendo ser afirmado, hoje em dia, que há, inclusive a profissão e o ofício de narradores de histórias, que trabalham e vivem a partir de suas propostas artísticas. Benjamin não viu esse movimento, mas muitos dos contadores de histórias, que inclusive foram se ocupar sobre as questões do seu ofício dentro das universidades com



artigos, monografias, dissertações e teses, para falar sobre esse fenômeno tão caro a ele, e que hoje em dia ocorre de forma diversa e acompanhado as inúmeras dinâmicas das cidades, igualmente plurais.

Claro, que, como dito anteriormente, pensar nessa presença nos contextos urbanos implica problemáticas sobre o porquê e como essas histórias estão sendo contadas, o quanto isso pode ter um aspecto de manutenção das hegemonias, ou como um fator provocador de transformação social, trazendo para o convívio a multiculturalidade e as diferentes cosmovisões. Há muitos exemplos acontecendo neste imenso Brasil atualmente, com muitos contadores de histórias dentro das cidades. Há Daniel Rosa dos Santos trazendo os contos e causos do litoral de Santa Catarina em Itajaí; Gilka Girardelo e Sergio Bello que mantém o fogo da chama das histórias em Florianópolis há três décadas; assim como Gyslaine Avelar Matos em Belo Horizonte que há muitos anos se debruça sobre o seu ofício com esmero, Grupo Gwaya em Goiás que desde o final da década de 1980 está em desenvolvimento; sem deixar de falar de Francisco Gregório, Grupo Morandubetá (Benita Prieto, Celso Sisto, Eliane Yunes e Lucia Fidalgo), Bia Bedran, Maria Clara Cavalcanti, Maria Inês, Ana Creton, José Mauro Brant e Augusto Pessoa, grandes profissionais que circularam por inúmeras cidades no Brasil ao longo dos anos 1980 e 1990, em processos de formação e sensibilização para a arte de contar histórias. E claro, Regina Machado com sua profunda pesquisa e que desde o início dos anos 2000 promove um dos encontros mais importantes do Brasil, o Boca do Céu (MACHADO, 2004). E os meados e finais dos anos 1990 explodem em profissionais que estão até hoje atuando e formam parte deste grande cenário de contadores como Linete Matias, Keu Apoema, Cleo Busato, Rosana Montalverne, Zé Boca, Giba Pedrosa, Os Tapetes Contadores de Histórias (Andrea Pinheiro, o autor deste texto, Edison Mego, Rosana Réategui e Warley Goulart), Alice Oliveira, Daniele Ramalho. Essa lista se torna injusta porque não contempla a enormidade de grandes profissionais, mulheres e homens, que atuam como narradoras e narradores. E extrapolaria a ideia deste trabalho se fosse feito apenas o levantamento dos nomes, fora desse recorte temporal, e alcançasse os dias de hoje, ou mesmo a última década. O que se pode dizer sobre esses recortes e exemplos que foram apresentados anteriormente é que estão localizados no Brasil, oriundos desse movimento de retomada ou mesmo renovação do ato de contar histórias entre final dos 1970 até os primeiros anos de 2000.



Também cabe lembrar que isso não exclui ou esquece outras iniciativas, manifestações ou mesmo momentos anteriores a este marco na linha do tempo. Destacar o processo histórico deste movimento a partir dos anos 1970 é uma maneira de não só localizar no tempo essa retomada, mas também em emergir que esse movimento nasce a partir de centros urbanos, nas cidades, de médio e grande porte na Europa e Américas. Colocar uma lupa nesse aspecto é de suma importância para que se possa seguir com o debate em torno dessa ideia desses contadores de histórias em contextos urbanos, que trazem por conta disso, suas idiossincrasias em consonância com as cidades que habitam. Antes de seguir, também que cabe comentar que pelo fato do autor ser também um contador de histórias, do grupo supracitado Os Tapetes Contadores de Histórias, com uma trajetória nesse campo de atuação há mais de duas décadas, este vem observando ao longo desse tempo um florescimento, ascensão, consolidação deste movimento.

Após apresentar esse panorama, inclusive para se entender de qual pessoa contadora de histórias também aqui se fala, há o interesse pelo debate para se pensar sobre as possibilidades que se abrem dentro da atuação da narração de histórias incorporando as paisagens urbanas como elementos presentes nas narrativas (CAMPOS, 2020), de alguma forma provocando uma atualização dessas performances narrativas que tem nas mitologias, cosmogonias e coletâneas de contos, canções e outras manifestações culturais, como um ponto chave para acesso aos imaginários coletivos constituintes dessas histórias. O debate está nesse jogo entre tempos e espaços, em que simultaneamente, há uma evocação de tempos imemoriais, como quando se fala “era uma vez”, “no tempo em que os bichos falavam”, “num reino distante, há muito tempo”, a vocalização e chamada para que tanto ouvinte e narrador possam acessar este espaço-tempo outro e habitado nos imaginários, de um outro lado há o tempo presente, o da atualização, o aqui agora, em que se dá a presença do artista da palavra, que com sua performance se torna um portal para que isso aconteça. Nesse cruzamento, provocado pelo jogo dos tempos, se acrescenta que é instalado nas performances dos contadores de histórias uma problemática que é a demanda nas narrativas por novos referenciais, relacionadas com seu tempo, para poder acessar e dialogar com seus ouvintes e com suas próprias experiências. Se as histórias carregam consigo as questões existenciais (MATTOS, 2013), ao contá-las e ouvi-las são formas de ser convocado para o enfrentamento sem respostas num ato ontológico. As histórias são um convite para



adentrar e lembrar sobre a experiência de ser humano e poder dialogar com as próprias experiências. E aqui se trata da experiência no sentido heideggeriano (HEIDEGGER, 1987) ou mesmo freiriano (FREIRE, 2004) em que se possa estar mais associado ao que afeta, ser atravessado, estar em relação ao que acontece, no desenrolar do tempo ou de “uma hora para outra”.

No entanto, no debate cabe a problemática sobre os imaginários apontada por Cosgrove (2004), quando o mesmo aponta que apesar da sedução que os caminhos subjetivos e imaginativos, e a importância de ser trazido à tona para discussão dos fazeres geográficos, o autor traz o questionamento crítico sobre a construção por trás desses imaginários. Não há como ser ingênuo ou mesmo romântico em achar que esses conjuntos de imagens surjam completamente do nada, ou somente de uma “essência” humana, mas que elas são contaminadas, reformuladas e transformadas em consonância quando em jogo nas dinâmicas entre pessoas, grupos sociais, e suas relações espaciais. O jogo dos afetos com os espaços também, neste caso também é “afetado” por essas construções sobre os imaginários, que vai ao encontro do que Alicia Lindón, quando esta coloca, no sentido de se pensar outras possibilidades e brechas que rompam com as hegemonias, trazidas pelas narrativizações (LINDÓN, 2012) sobre as cidades, de como elas acabam sendo construídas para alguns, e mantendo outros à margem e na exclusão (CAON; VELOSO, 2018).

Uma vez que aqui colocado, mesmo que ainda em processo, o debate sobre algumas das questões para se pensar o trabalho do contador de histórias em contexto urbano, e nas atualidades, e principalmente, como se refletir sobre esses caminhos de relação com a cidade e os imaginários que estão e a extrapolam, ou mesmo aqueles que não a pertencem, mas que nos dias hoje, por conta dos tantos acessos aos meios virtuais e digitais podem ser encontrados facilmente. Esses imaginários são totalmente complexos e há nisso uma beleza por suas complexidades - não o belo no sentido da “belas artes” pela perspectiva da erudição, mas a beleza de se poder ser algo pulsante e potente. Portanto, a partir daqui o texto segue para estreitar as relações entre geografia e a narração de histórias.

Ao se contar histórias há sempre um onde pelo qual o fio da narrativa desenrola. E não importa se é uma história que acontece num espaço com verossimilhança com o mundo concreto ou não. Há sempre um onde, mesmo quando esse lugar é o espaço incompreensível, mundo invisível, o país do quem vai lá não volta. Não importa. Há um



onde. Há um onde a experiência do existir pode acontecer, fluir como um rio e desaguar em mar no oceano infinito de possibilidades que é a vida. Há muitos ondes para se estra e percorrer, para assim fazer as geografias das histórias, em que o grafar, o escrever, o marcar, o desenhar esse desenrolar se dá pela criação dos espaços, assim como também pelas geografiedades (DARDEL, 2015) perenes nos mananciais da trama da história. Com a vocalização das palavras enquanto se conta histórias, há simultaneamente uma verbalização através da voz da pessoa narradora das geografias das histórias contadas – paisagens, lugares, territórios, em suma, as espacialidades são cantadas, contadas e poetizadas através da voz, do silêncio, da pausa, do gesto e do corpo daquele ser humano que ali diante do seu público atualiza no aqui e agora o ínfimo da imensidão do existir.

No entanto, não se pode ser ingênuo para se perder na sedução prazerosa e confortável de um mundo idílico. Contadores de histórias são transmissores da experiência do existir, e há muita complexidade nisso, porque há um jogo com o mundo vivido. E no caso aqui apresentado, se pode fazer este jogo, que desta forma, como as *geografias das histórias contadas*, também para se poder esgarçar as entranhas dessas dinâmicas sociais e culturais, trazendo à cena as paisagens e lugares que podem se contrapor aos imaginários hegemônicos, assim como também podem ser expostos, num deslocamento (CERTEAU, 2011) das perspectivas geográficas das pessoas que constroem a cidade no dia a dia a partir dos seus mundos vividos (LINDON, 2012). Porque tanto os contadores de histórias e seus ouvintes podem ser essas perspectivas deslocadas. As muitas geografias que aí surgem, intrínsecas aos universos particulares, mas não isolados, porque essas pessoas compõem e constituem comunidades, compartilhando desta forma modos e jeitos de viver, apresentam espacialidades carregadas de subjetividades, relações, afetos, memórias consteladas.

A partir da provocação de Alicia Lindón em seu texto sobre o mundo vivido no livro *Geografias Imaginárias* em que diz:

“si bien el imaginário espacial se configura a través de la capacidad del sujeto de pensar con imágenes – que a su vez retroalimentan de las percepciones del entorno – y ello emerge em las practicas; también se nute de lo discursivo y em particular; de las narrativas de las vivencias espaciales propias y de los otros.” (LINDÓN, 2012, p.77)



Lindón apresenta algumas saídas para alguns desafios e debates epistemológicos encontrados nas atuais geografias e nos seus fazeres geográficos. Ao apontar para o deslocamento da perspectiva hegemônica, que privilegia as narrativizações associadas ao mundo vivido dos homens brancos, cisgênero, heteronormativos, do norte global, para uma posição que oferece a chance e vez das multi-perspectivas das pessoas, numa virada de pontos de vista, Lindón convida para a escuta das narrativas dos mundos vividos dessas pessoas, onde as histórias importantes não são mais apenas as oficiais dos países, cidades, dos grandes heróis nacionais, ou mesmo dos grandes fatos históricos, e sim, das pessoas que fazem seu dia a dia e produzindo espacialidades particulares, singulares e únicas porque estão associadas diretamente àquelas biografias, àquelas pessoas. Quando Lindón faz esse convite provocativo há associação direta às experiências profissionais e artísticas do autor deste texto como contador de histórias. Experiências tais que são convites para se olhar e perceber o corpo do artista narrador ao mesmo tempo do pesquisador geógrafo. A experiência como produtora de conhecimento (LAROSSA, 2002) ou como sabiamente Joseli Silva nos diz “Pensar na criação de conhecimento não é algo frio, neutro e objetivo como me ensinaram. É um processo relacional que envolve os outros, mas também eu mesma, minha história e meu corpo.” (SILVA, 2020, p.180).

Para isso, apresenta-se aqui em analogia, o contar histórias com o fazer geográfico, porque ao se pensar o contar histórias das pessoas, e de animais não humanos, em seus lugares e paisagens nas muitas cidades dentro da cidade, conseqüentemente há uma transposição para o que o autor propõe como *narração de geografias*, numa alusão direta a *narração de histórias*. Num jogo dinâmico do fazer artístico com o fazer geográfico.

Esse jogo tem se dado dentro do processo de pesquisa de doutoramento do autor. Ao pesquisar sobre as histórias das pessoas em e com suas espacialidades, imbuído de suas experiências prévias e intrínsecas como contador de histórias, o autor ao expor os processos das produções e criações desses espaços pode “contar” essas geografias, tornando-se um *Contador de Geografias*, assim o corpo também do pesquisador também é exposto em sua potência, que não exclui suas vulnerabilidade e fragilidade, assim como sua subjetividade. O corpo do pesquisador Contador de Geografias carrega em si a experiência daquela pessoa que tem por ofício envolvimento, empatia, ao mesmo tempo que precisa ter um distanciamento para poder narrar. O corpo do



pesquisador Contador de Geografias, em relação aos outros corpos que estão/são espaço, em inspiração a Dardel (2015), está em consonância com sua geograficidade, com sua maneira de estar/ser no/com o mundo (FREIRE, 2004). Por isso ao se pensar por e fazer uma *geografia das histórias contadas*, assumindo esse papel do *contador de geografias*, o autor dilui as fronteiras entre os campos das artes e da geografia, em que os processos metodológicos também, num certo esforço epistemológico, urgem ser construídos e repensados para não serem enrijecidos categoricamente.

Como uma pequena amostra do que seria essa *narração de geografias*, abaixo segue uma pequena crônica, que aqui se apresenta no formato escrito, e que tem como base de inspiração alguns autores: Italo Calvino (2017) no seu “As cidades invisíveis” em que Marco Polo conta ao Grande Kublai Khan do Império Mongol sobre algumas cidades que visitou e que cada uma delas se torna o símbolo de uma pessoa”; por Orhan Pamuk (2012) com seu museu/novela Museu da Inocência em que ele conta o romance de Fusün e Kemal ao longo de tantos anos, e que o processo de escrita é simultâneo ao da criação do museu homônimo que tem em seu interior vitrines com objetos que ajudaram a compor em cada capítulo (aliás, Pamuk tem como referência as paisagens compostas pelas vitrines das lojas de antiguidades cheias de objetos e quinquilharias de Istambul como referência); por Gonçalo M. Tavares (2010) com seu Viagem à Índia em que a presença de um narrador/rapsodo conta por meio de cantos a jornada que oscila entre a tragédia e auto descoberta de fracassos do protagonista Bloom num percurso entre Portugal e a Índia. A partir desses autores, a crônica, para narrar as geografias, tem como linha mestra as cartografias de um ciclo entregador na cidade de Curitiba e como as paisagens se desvelam, revelam e se reconfiguram em seus percursos enquanto trabalha pedalando. Para além das paisagens exteriores a ele, uma geografia das emoções (SILVA, 2019) é composta pelas relações que ele trava com os clientes, com motoristas de carros, ônibus e motos, e claro com os lugares por onde atravessa. O autor/pesquisador, assume esse papel de narrador para trazer à prosa as geografias desse ciclo entregador, assim como também traz suas geografias de quem pesquisa, observa, analisa, comenta, e por vezes, simplesmente, contempla. A amostra abaixo, a crônica, é um primeiro experimento utilizado pelo autor para trazer à tona alguns dos caminhos que vem trilhando para sua pesquisa, em como pode concretizar parte do seu processo



de pesquisa no que se refere a sua pesquisa das experiências espaciais relacionadas às narrações de histórias.

MICHEL - Paisagem borrada néon

Michel, é como ele se chama. Imigrante haitiano. Recém-chegado na cidade de Curitiba. Há um ano chegava e vislumbrava um novo tempo de vida. Jovem, vinha atrás de uma promessa de uma nova vida. As coisas estavam difíceis por lá, diz ele. Michel chegou e no primeiro mês teve tempo de acertar um lugar para morar nas bordas da cidade. Conseguiu uma bicicleta e se tornou ciclo entregador. De fundo se escutava a história de uma pandemia que assolava a Europa, alguns lugares da Ásia. Parece que começou na China. Sua maior preocupação era poder aprender minimamente português, precisava se virar nas terras curitibanas. Além das entregas, conseguiu uns bicos fazendo jardim. Sempre gostou das plantas. No Brasil sonha com a possibilidade de estudar na universidade. “Quem sabe?” sonha. Pandemia chegou e interrompeu os planos. Ele só não parou de pedalar. Michel só não parou de pedalar e sonhar. Ao longo dos muitos quilômetros pedalados com muitos quilos nas costas, diariamente sonha com dias melhores, com outras liberdades. Michel empretece a paisagem curitibana. Michel nos lembra que esta cidade também foi construída por muitas mãos pretas silenciadas ao longo dos tempos. Michel nos lembra que a cidade segue sendo feita por muitas mãos pretas. E que algumas delas seguram o guidão de uma bicicleta, que levam e trazem encomendas, e que seus rostos ficam escondidos por mochilas neon com marcas de grandes aplicativos globais. Michel se torna um borrado na paisagem da cidade que não olha para ele. Mas ele olha pra cidade e sorri esperançoso um sorriso de uma garra que o fez cruzar céus e mares, que o faz pedalar de um jeito, que atura em nome da sobrevivência uma opressão sem fim. O sorriso de Michel guarda muitas dores e não são só as deles, mas de muitas pessoas como ele de muitos e muitos tempos. O sorriso de Michel escancara uma dívida histórica.

Curitiba, 23/02/2021

Uma vez exposta crônica e aqui compartilhada, não seria o caso de explicá-la, porque ela em si carrega detalhes, contextos, pretextos, subtextos cheios de pistas que colocam



o seu leitor para uma amplitude de leituras possíveis. O esforço da escrita narrativa, seja no formato de crônica ou de conto, ou mesmo em poesia, está no desejo de colocar no ato de escrever uma relação com o gesto cartográfico, como uma maneira de trazer para as palavras da narração as muitas camadas do que a perspectiva do contador de geografias tem ao acompanhar, escutar, observar e dialogar. Também cabe aqui explicitar parte do processo metodológico estabelecido até o presente momento. Partindo do pressuposto de que o caminho se faz ao caminhar, e como se trata de uma relação de mãos dadas e via dupla entre geografia e arte, para este processo, o autor vem explorando os desdobramentos de seu próprio processo artístico como meio|percurso|caminho| método para estar em pesquisa. Nos últimos anos, o mesmo, vem criando um projeto artístico de contar histórias itinerantes com bicicletas, em que o público escuta as histórias enquanto segue e pedala o narrador pela cidade. Trajetos pré-determinados e com histórias criadas para estas rotas relacionadas aos lugares e paisagens são contadas. Mas isso é para o projeto artístico desenvolvido pelo autor. Quando este está dentro do processo de doutoramento os caminhos criativos atravessam e se relacionam com seus estudos geográficos, para se pensar essas experiências espaciais a partir da narração de histórias, o que o leva a se interessar pelas geografias de outros ciclistas, mais precisamente, pessoas que trabalham com/de bicicleta. Estas pessoas, que ocupam a função de ciclo-entregadoras, cruzam a cidade ao longo do dia e noite, fazendo coletas e entregas, percorrendo de um lado ao outro, compondo uma paisagem que muito nos diz sobre os dias de hoje, e mais exacerbadas pelos problemas emergidos no contexto da pandemia do novo coronavírus. Essas pessoas que trabalham com ciclo entregas, com frágeis vínculos de trabalho, carregando comida, encomendas, documentos de um lado ao outro, são elos para as histórias de vida do cotidiano das pessoas, mas quais são as suas histórias? Quem são essas pessoas? Desta forma, quando a proposta artística de contar histórias de forma itinerante pela cidade, vem para a pesquisa acadêmica, ela promove o encontro entre geografia e arte, ao possibilitar o encontro entre pesquisador Contador de Geografias com as pessoas Ciclo-entregadoras. Permite o encontro em movimento, com a bicicleta, pela cidade ao longo do percurso. As conversas, as trocas e o vínculo se dão na rua, no campo de pesquisa, no embate que a *urbis* coloca, no asfalto em disputa com os veículos motorizados. O diálogo é entrecortado pelos sinais, cruzamentos, pela velocidade, ou mesmo pelas urgências das entregas. Ao longo do caminho, além das histórias de vida que são contadas, pequenas



joias artísticas são compartilhadas, um poema, uma canção, um texto que escreveu, um sonho. O vínculo permite o compartilhamento do segredo e do sonho, porque o envolvimento está devido ao fato de estar/pedalar junto. Ao longo do trajeto, cada vez fica mais claro, a provocação feita por Lindón (2012) e Certeau (2011) ao se deslocar a perspectiva geográfica em consonância com Joseli Silva (2020) ao pensar a escala do corpo. São essas pessoas, esses corpos, cada um desses, uma geografia possível. Cada uma delas é uma cidade dentro da cidade. E como um Contador de Geografias, cabe à este autor contar essas cidades desconhecidas e incógnitas, tal Marco Polo nas Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino.

Por fim é importante colocar neste texto, que ao se fazer esse deslocamento da perspectiva geográfica com a escala do corpo, ao mesmo tempo que se estabelece novas contribuições metodológicas e epistêmicas, o quanto as relações entre as artes e a geografia, num caminhar junto possam abarcar questões dos nossos tempos, que as linguagens artísticas, em certa medida conseguem. No entanto, é preciso deixar claro que em nenhum momento é intenção de defender exclusiva e fervorosamente a narração de histórias como uma metodologia a ser aplicada em outras pesquisas. De forma alguma! E sim, trazer ao debate processos sobre a construção do conhecimento em parceria direta com a criação artística responsiva à experiência de vida daquela pessoa que desenvolve seus estudos. Em hipótese alguma é sobre apresentar uma saída, com fórmulas mágicas. Ao contrário é sobre trazer a discussão criativamente sobre um caminho em percurso e como ele, em certa medida, pode abrir outros muitos, infinitos e desconhecidos (WRIGHT, 2014).

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* / Walter Benjamin; tradução Sergio Paulo Rouanet; 8ª edição revista, 3ª reimpressão - São Paulo: Brasiliense, 2016 (Obras Escolhidas v.1)

CALVINO, Italo, *As cidades invisíveis*, Companhia das Letras, São Paulo, 2017

CAMPOS, Carlos Eduardo Cinelli O. de; TORRES, Marcos Alberto, *Entre as geografias narradas e os imaginários geográficos*, p.175 - 208 in *Geografia e Arte* org por Alessandro Dozena, Editora Caule de Papiro, Natal, 2020.

CAMPOS, Carlos Eduardo Cinelli O. de, *Percursos criativos e geográficos para a Arte de Contar Histórias: uma perspectiva geográfica para as histórias contadas* p 567-579.



in *ANAIS DO IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E V SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA, LITERATURA E ARTE - uma interface entre Geografia, Turismo, Literatura e Arte: entre viagens reais e imaginárias*, Rio de Janeiro, 2020

CAON, Paulina Maria; VELOSO, Verônica, *Cortar a cidade com os pés: sobre travessias em paisagens brasileiras* in Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504 BOITATÁ, Londrina, n. 25, jan.-jun. 2018

CERTEAU, Michel de, *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*, Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

COSGROVE, Denis, *A geografia está por toda parte*, In: CORRÊA, Roberto Lobato; HOSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2004

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HEIDEGGER, M. *La esencia del habla*. In: camino al habla. Barcelona: ediciones del Serbal, 1987.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abril, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso.

LINDÓN, Alicia. *Geografías de lo imaginário o la dimensión imaginaria de las geografías del Lebenswelt?* in *Geografías de lo imaginário*, org. por Alicia Lindón e Daniel Hiernaux. Madrid: Anthropos, 2012.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PAMUK, Orhan. *The Innocence of Objects*, Abrams Books, Nova Iorque, 2012

PATRINI, Maria de Lourdes. *A renovação do conto*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

SILVA, Joseli. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente*, n. 42, v. 2, Número Especial “Múltiplas e Microterritorialidades nas Cidades”, p. 173-189, junho, 2020.

SILVA, Marcia Alves Soares da, *O eu, o outro e o(s) nós: geografia das emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de*



pioneiros da igreja messiânica mundial. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Curitiba 2019.

TAVARES, Gonçalo M. Tavares. *Uma Viagem à Índia*, Leya, São Paulo, 2010

TIERNO, Giuliano, *Ensaio com a praça pública ou sobre o conto nas cidades complexas* in *Narra-te cidade*, A Casa Tombada Edições, 2017.

WRIGHT, John, *Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia / Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography* – Revista Geograficidade, volume 4, número 2 2014.